

**TRAJETÓRIAS LABORAIS: UM ESTUDO SOBRE AS TRABALHADORAS DA
INDÚSTRIA TÊXTIL-VESTUARISTA DE JARAGUÁ DO SUL – SC.**

Autoras: COIMBRA, Melissa Gabriela Lopes Barcellos.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail:
melissagagbarcellos@hotmail.com

ORCHARD, Maria Soledad Etcheverry. Universidade Federal
de Santa Catarina – UFSC. E-mail:
maria.soledad@terra.com.br

Área Temática: 3. Demografia e mercado de trabalho

TRAJETÓRIAS LABORAIS: UM ESTUDO SOBRE AS TRABALHADORAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL-VESTUARISTA DE JARAGUÁ DO SUL – SC.

Autoras: COIMBRA, Melissa Gabriela Lopes Barcellos. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: melissagagbarcellos@hotmail.com

ORCHARD, Maria Soledad Etcheverry. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: maria.soledad@terra.com.br

Área Temática: 3. Demografia e mercado de trabalho

Resumo

Este estudo trata das trajetórias laborais das trabalhadoras da Indústria Têxtil-vestuarista de Jaraguá do Sul – SC. Este município catarinense possui um dos principais polos industriais Têxteis-Vestuaristas do Brasil, ocupando a 2ª posição no ranking nacional, além de ser a 4ª maior cidade exportadora de Santa Catarina. A região de Jaraguá do Sul (Vale do Itapocu) apresentou, na sua trajetória de consolidação demográfica, fortes componentes migratórios e, entre estes, uma presença significativa de população oriunda de países europeus (Alemanha, Itália, Hungria e Polônia). Jaraguá do Sul também recebeu um fluxo migratório de trabalhadoras (es) (a partir dos anos 1970 - período de desenvolvimento econômico do chamado “milagre brasileiro”) oriundos de várias regiões do Brasil, especialmente do Paraná, para trabalhar nas fábricas. Tal acontecimento resultou, por muitas vezes, em conflitos e disputas com as trabalhadoras nativas da região, em sua maioria de origem étnica europeia. O processo da reestruturação produtiva, que tem o seu marco no setor a partir dos anos de 1990, acarreta uma crise nas relações de trabalho das indústrias têxteis-vestuaristas de Santa Catarina, precarizando estas relações, provocando demissões e terceirizações de algumas etapas do processo produtivo. O uso de fontes documentais, estatísticas e do método da história de vida foi rico para registrar as mudanças advindas do processo de reestruturação produtiva nas indústrias têxteis e do vestuário e seu impacto sobre as relações de trabalho e sobre as subjetividades das trabalhadoras da região e das trabalhadoras migrantes. Constatamos que a força de trabalho é na sua grande maioria composta de mulheres, que enfrentam a expressiva redução do emprego formal na indústria têxtil-vestuarista, acompanhada da elevação do número de facções, sendo, que, grande parte delas, exerce atualmente suas atividades na informalidade. O impacto da reestruturação produtiva afeta a todas, deixando exposto que os discursos étnicos podem eventualmente ser usados como recursos ideológicos para atribuir maior poder de disputa pelo acesso aos postos de trabalho.

Palavras-chave: Trajetórias laborais; Indústria Têxtil-Vestuarista; Reestruturação produtiva.

1. Introdução

Esta pesquisa analisou as trajetórias laborais das trabalhadoras da cadeia têxtil-vestuarista de Jaraguá do Sul, cidade situada na região Norte do Estado de Santa Catarina; e procurou construir uma interlocução entre as dimensões de gênero, trabalho e etnicidade.¹ Um marco significativo nessas trajetórias laborais remete aos impactos da reestruturação produtiva sobre o conteúdo e as condições laborais das trabalhadoras e requer que nos debruçemos sobre algumas das consequências desse processo. As mudanças da economia global, junto com as reformas neoliberais que impactaram o mundo do trabalho, afetaram de forma significativa o setor têxtil e do vestuário, que no intuito de se readequar as condições de acirrada competitividade do mercado, imprimiu políticas severas de reestruturação no âmbito das relações e condições de trabalho a partir da década de 1990. Procurando identificar como esse marco estrutural penetra nas possibilidades e expectativas das trabalhadoras, registramos seus testemunhos orais sobre a inserção e condições laborais no setor, julgando estimulante selecionar perfis pessoais de forma a garantir uma heterogeneidade desse grupo de trabalhadoras.

No eixo temático que vincula trabalho e gênero, que constitui uma base fundamental para nossa análise, verificamos que foram produzidas várias pesquisas nas universidades brasileiras², as quais, apesar das suas especificidades, consideram esse recorte de gênero como perspectiva indispensável para pensar o mundo do trabalho. Tais pesquisas dizem, inclusive, que “relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho são duas proposições indissociáveis que formam um sistema” (KERGOAT, 1996, p.1).

Segundo Neves e Pedrosa (2007, p. 11), as mudanças que transformaram o mundo do trabalho, a partir da reestruturação produtiva “reconfiguraram as relações de gênero no trabalho”. Observou-se nas pesquisas, que o trabalho flexível no processo produtivo acarretou na massiva terceirização e subcontratação de mão de obra feminina, demandadas pelas indústrias do segmento têxtil-vestuarista no Brasil, assim como o aumento do trabalho informal (a domicílio) realizado, muitas vezes, por famílias inteiras. Com a política de abertura econômica praticada pelo governo brasileiro nos anos de 1990 e a consequente

² COIMBRA (2012) e COIMBRA (2012), JINKINGS (2002), JINKINGS e AMORIM (2006), LEITE (2004), LEITE (2009), LIMA (2009), NEVES (2000), PEDROSA (2005), CALEFFI (2008), AMORIM (2003), ARAUJO (2001), ABREU (1993), entre outros (as).

reestruturação produtiva, as indústrias do segmento têxtil-vestuarista reconfiguraram as relações internas do conteúdo e a forma do trabalho, tornando barata a mão de obra feminina neste setor da economia, sobretudo em relação à costura, a última etapa da produção.

A região de Jaraguá do Sul apresentou, na sua trajetória de consolidação demográfica, fortes componentes migratórios e, entre estes, houve uma presença significativa de população oriunda de países europeus (Alemanha, Itália, Hungria e Polônia), cuja referência constantemente aparece no imaginário local como emblemas para a identificação, sobretudo, em relação à dimensão sociocultural que se expressa através da cultura do trabalho. Cultura esta construída pelos descendentes de imigrantes alemães e por outras etnias europeias que colonizaram a região. Como essa variável étnica é considerada no caso do nosso estudo como relevante para iluminar a compreensão das relações de trabalho ligadas ao setor nessa cidade (e na região), julgamos adequado apoiar-nos nas argumentações da antropóloga Giralda Seyferth, a qual fala sobre as características dos grupos étnicos que imigraram para o Brasil:

As identidades étnicas foram elaboradas dentro de uma perspectiva etnocêntrica de superioridade étnica. **A começar pelo *ethos* do trabalho, presente em quase todos os grupos, onde o pioneirismo ou a capacidade são argumentos manipulados para contrastar os imigrantes com os brasileiros**³. A obra da colonização e a participação do imigrante na industrialização do Brasil são as marcas diferenciadoras mais frequentemente usadas para afirmar as identidades étnicas. O “trabalho” concebido dessa maneira é um dos símbolos de identidade mais utilizados, pois contrasta, de um lado, os imigrantes e seus descendentes, como aqueles que vieram para designar o trabalho, e de outro os brasileiros, definidos por oposição, como avessos ao trabalho, principalmente manual (SEYFERTH, 1990, p.91).

Além do fluxo de migrantes europeus nas primeiras décadas da formação da cidade, Jaraguá do Sul também recebeu um fluxo migratório de trabalhadores (as) a partir dos anos 1970 - período de desenvolvimento econômico chamado “milagre brasileiro”⁴ - oriundos de várias regiões do Brasil, especialmente do Paraná, para trabalhar nas fábricas. Essa realidade

³ Grifo nosso.

⁴ Embora o período tenha sido chamado de “milagre brasileiro” e apresentado altos índices de crescimento econômico, ele foi acompanhado também de retrocessos sociais tais como: a concentração de terras; a expulsão dos pobres da área rural, devido à modernização da agricultura; o intenso êxodo rural, a violência praticada contra a classe trabalhadora no campo e na cidade, além da dívida externa brasileira que aumentou paulatinamente durante o período. “O golpe significou um retrocesso para o País. Os projetos de desenvolvimento implantados pelos governos militares levaram ao aumento da desigualdade social. Suas políticas aumentaram a concentração de renda, conduzindo a imensa maioria da população à miséria, intensificando a concentração fundiária e promovendo o maior êxodo rural da história do Brasil. Sob a retórica da modernização, os militares aumentaram os problemas políticos e econômicos, e quando deixaram o poder em 1985, a situação brasileira estava extremamente agravada pelo que fora chamado de “milagre brasileiro””. (FERNANDES, 2000, p. 41). Ver Coimbra (2006).

se faz presente em diversos segmentos da indústria na cidade: além das indústrias da cadeia têxtil-vestuarista, como a Malwee Ltda. e a Marisol S.A, indústrias como a Weg Motores e indústrias alimentícias também atraem mão de obra de outras regiões do Brasil.

1. Metodologia

Realizamos uma amostragem constituída por 27 entrevistas. Foram entrevistadas 16 trabalhadoras (costureiras) de duas indústrias têxteis-vestuaristas da cidade de Jaraguá do Sul – SC: a Malwee Malhas Ltda. e a Marisol S.A. Além destas, entrevistamos duas costureiras de uma facção de roupas, registradas em carteira e três costureiras de facções não registradas, que exercem trabalho a domicílio. Também entrevistamos uma dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil e Vestuário de Jaraguá do Sul - STIV, dois empresários do ramo têxtil-vestuarista, um historiador do Museu Histórico de Jaraguá do Sul, um ex-diretor da Malwee Malhas Ltda. e um professor da Escola Técnica Federal – IFSC de Jaraguá do Sul. As análises e reflexões que constituem essa pesquisa incluem todas essas fontes que foram recém registradas.

Quanto à estratégia metodológica para a realização desta pesquisa, priorizamos o método qualitativo, com foco na história oral de vida. Utilizamos a metodologia da história de vida, atribuindo ênfase nas trajetórias laborais das mulheres que atuam na cadeia produtiva do setor têxtil-vestuarista, tanto as trabalhadoras formais como as informais. As entrevistas seguiram um roteiro mínimo, procurando registrar os testemunhos das (os) informantes da forma mais cuidadosa possível, e por isso fizemos uso constante de um gravador. A mesma técnica também foi adotada com as (os) demais informantes que nos concederam os momentos de conversa.

As pesquisas com o método da história de vida tem como foco registrar a trajetória de pessoas recompondo os aspectos da vida individual e do grupo na qual elas estão inseridas, de forma particular, quando as trajetórias representam experiências coletivas. Tal metodologia é utilizada com o intuito de coletar, preparar e disponibilizar memórias gravadas, servindo de fonte primária aos pesquisadores. Também escolhemos tal metodologia, a fim de dar voz à “gente comum”, como os movimentos de minorias culturais e discriminadas, entre estas as mulheres (MEIHY, 1996). A história de vida “é um instrumento privilegiado para interpretar o processo social a partir das pessoas envolvidas, na medida em que se consideram as

experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através delas” (MINAYO, 1993, p. 126-127).

Ao analisar as histórias de vida das trabalhadoras envolvidas nessa pesquisa, procuramos mapear as suas trajetórias laborais no percurso de suas vidas, com o intuito de identificar como tais biografias individuais se conectam com as mudanças estruturais, ou seja, o movimento que conecta o indivíduo e a sociedade. Mills (1982, p. 12) fala da busca da necessidade de compreensão da estrutura social moderna, e como no interior dessas estruturas se formam as “diferentes psicologias de homens e mulheres”, ou seja, a compreensão da relação entre história e biografia, como elas se entrelaçam e também se tensionam. A noção teórica de trajetória laboral que adotamos nessa pesquisa é compreendida como:

El estudio de las trayectorias laborales de la secuencia de posiciones del sujeto en el mercado de trabajo, permite captar y comprenderlos procesos de cambio que se dan a nivel estructural-económico, social y cultural – a través de su exposición a nivel micro – el curso de vida de los sujetos y su subjetividad. Permite, así, poner en relación la demanda con la oferta de fuerza de trabajo, femenina y masculina, determinadas ambas tanto por los cambios tecnológicos y organizacionales como por las transformaciones en las relaciones de género dentro y fuera del mercado laboral (GUZMAN, MAURO, ARAUJO, 2000, p. 7.)

Na sua análise sobre o conceito de trajetória, Gomes (2002) cunha que “a literatura atual apresenta o poder analítico desse conceito para os estudos sobre o trabalho, onde a categoria temporal representa um eixo central da abordagem da realidade”. A autora estabelece um diálogo com a obra recém-citada de Guzman, Mauro, Araujo (2000) assumindo que:

As trajetórias de trabalho são entendidas como os itinerários visíveis, os cursos e orientações que tomam as vidas dos indivíduos no campo do trabalho, e que são resultado de ações e práticas desenvolvidas pelas pessoas em situações específicas através do tempo. (...) O conceito de trajetória, segundo é sustentado, possibilita, apreender a interação entre dinâmicas estruturais e decisões individuais, e, também, conjugar ações com as significações e representações do sujeito (GOMES, 2002, p.32).

Outro aspecto da categoria trajetória que a mesma autora frisa, é sobre a associação intrínseca deste conceito com o de transição, já que “ambas representariam linhas temporais entrelaçadas no curso da vida pessoal” (GOMES, 2002, p.32). Gomes explica que as trajetórias consistem em percursos temporais de mais amplo espectro, e as transições, correspondem a um espectro temporal mais curto, já que apontam para o momento de mudança que se expressa no processo temporal correspondente ao intervalo entre esses

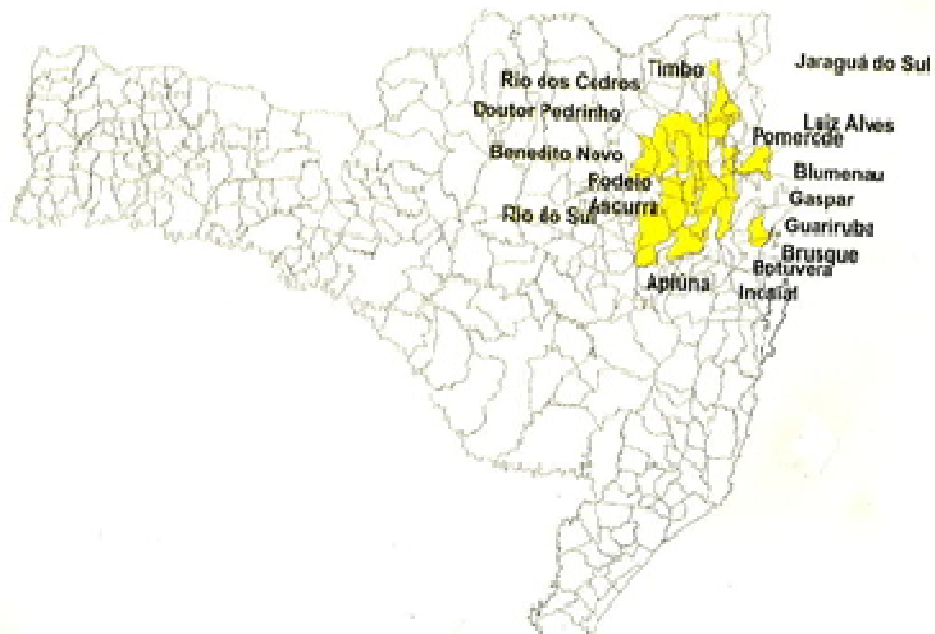
estados. Afirmado a fecundidade dessa perspectiva conceitual, ela remete à utilidade do conceito.

Quando se estuda carreiras profissionais, porque permite analisar as transformações de curso decorrentes de períodos de desocupação e mudança de posições, os quais podem estar caracterizados por situações de privação e/ou por novas oportunidades de trabalho (GOMES, 2002, p.32).

2. Jaraguá do Sul e a industrialização

Jaraguá do Sul é a 4º maior cidade exportadora de Santa Catarina. A indústria têxtil-vestuarista de Jaraguá do Sul ocupa a 2º posição no ranking de maior polo do país, ao lado das indústrias têxteis das cidades do Vale do Itajaí, como Blumenau e Brusque, polos que só são superados pelo aglomerado industrial-empresarial do Estado de São Paulo (CARVALHO; CARIO; SEABRA, 2007).

Mapa 01 - Localização dos principais polos da indústria têxtil-vestuarista, situados nas regiões do Vale do Itajaí e Norte Catarinense.



Fonte: Governo do Estado de Santa Catarina, 2005. Citado por Lins (2008).

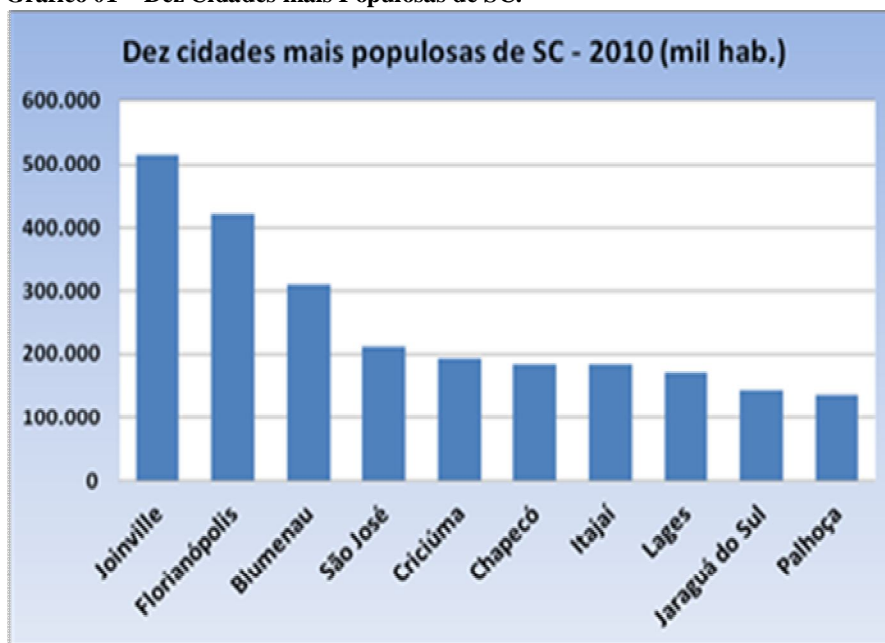
Os principais polos da indústria têxtil-vestuarista de Santa Catarina situam-se nas regiões do Vale do Itajaí e Norte catarinense, conforme o mapa acima. A indústria têxtil-

vestuarista é uma das principais atividades econômicas de Santa Catarina e do Brasil, representando 21% do setor nacional, segundo os dados da FIESC.

A indústria têxtil e do vestuário em SC emprega 172.824 trabalhadores em seus 9.264 estabelecimentos (2010); possui uma participação de 18,71% na indústria catarinense levando em consideração o valor da transformação industrial (2009). O segmento têxtil se destaca nacionalmente, tendo uma representatividade de 21% sobre igual setor do Brasil e o do vestuário 21% (2009). Fortemente exportadora, a indústria Têxtil e do Vestuário de Santa Catarina vendeu ao exterior, em 2011, US\$ 176 milhões, sendo 5,9% do total exportado pelo Brasil (FIESC, 2012).

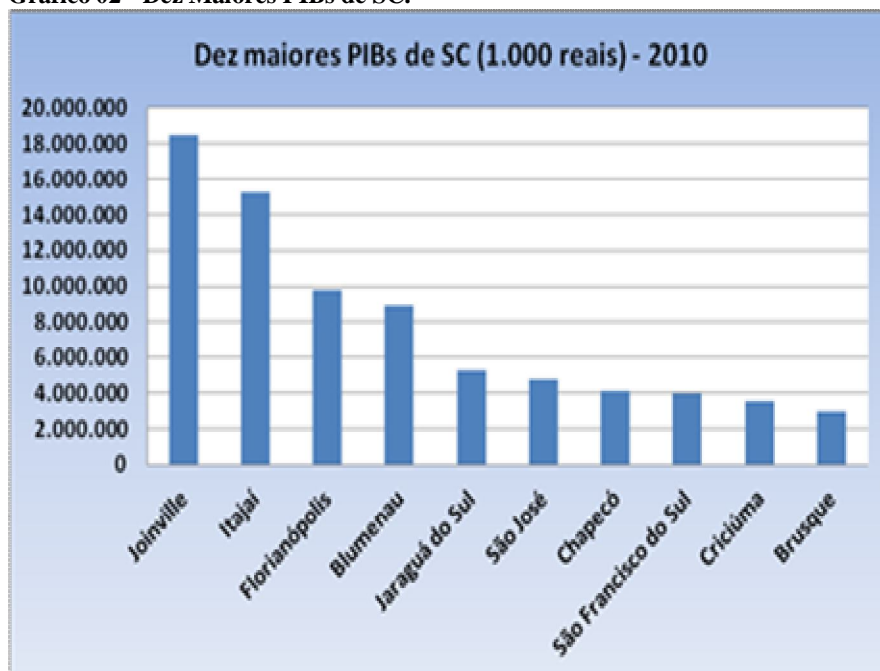
Segundo levantamento da Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul, os principais ramos da indústria de transformação do município consistem no setor têxtil-vestuarista e de artefatos de tecidos, que correspondem a 551 estabelecimentos e contam com mão de obra de 15.641 trabalhadoras (es) formais.

Gráfico 01 – Dez Cidades mais Populosas de SC.



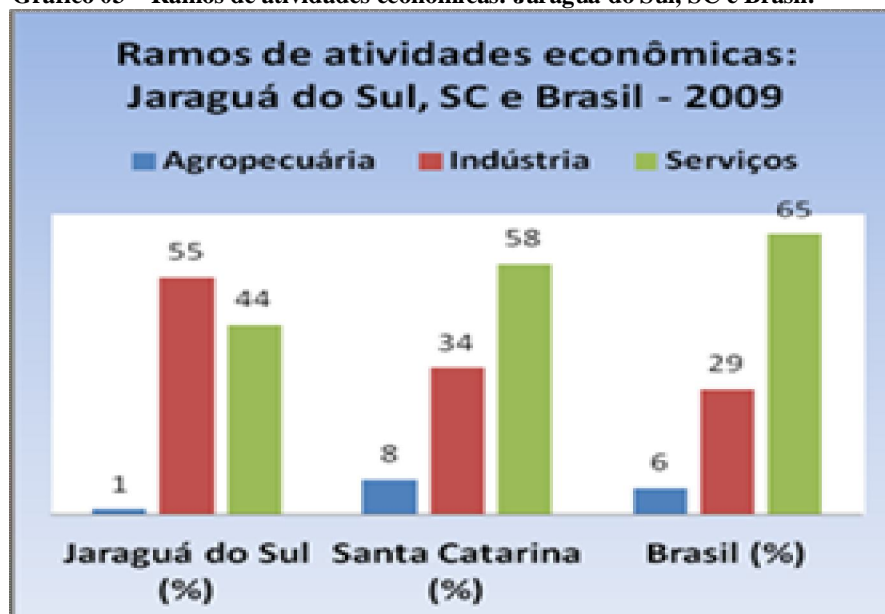
Fonte: IBGE. Elaborado pelas autoras.

Gráfico 02 - Dez Maiores PIBs de SC.



Fonte: IBGE. Elaborado pelas autoras.

Gráfico 03 – Ramos de atividades econômicas: Jaraguá do Sul, SC e Brasil.



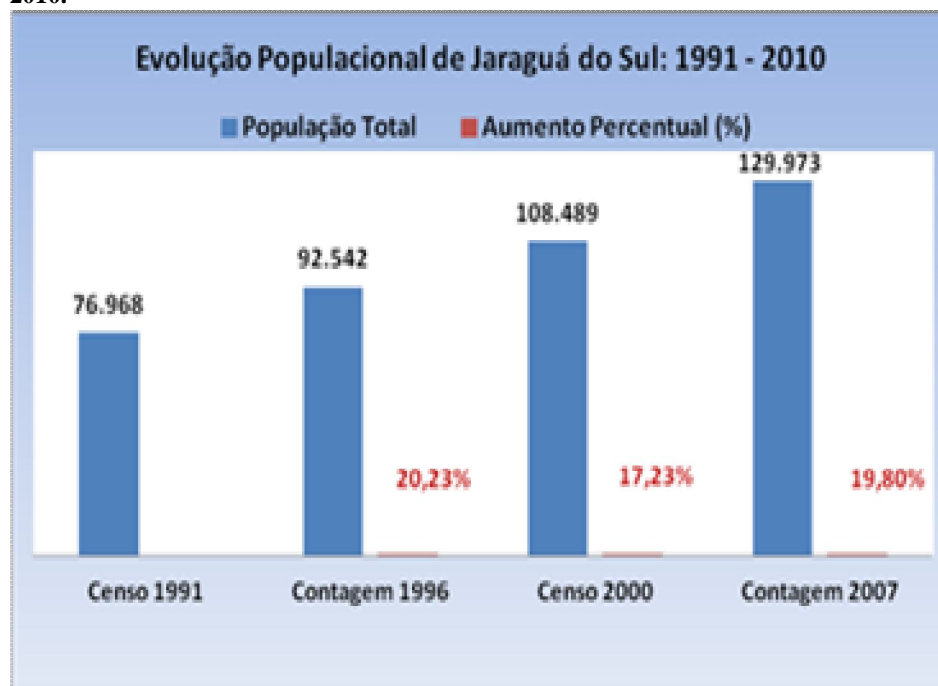
Fonte: IBGE. Elaborado pelas autoras.

Verifica-se, a partir dos gráficos 01 e 02, que Jaraguá do Sul, apesar de ser a nona cidade catarinense em população, é a quinta em Produto Interno Bruto – PIB. Isso se deve, principalmente, a ampla concentração de indústrias em Jaraguá do Sul, fazendo do setor secundário, o principal ramo da economia. Ao comparar as características da economia de Jaraguá do Sul com Santa Catarina e o Brasil (gráfico 03), nota-se que a participação da indústria no PIB é proporcionalmente maior em Jaraguá do Sul, já a participação do setor de serviços no PIB é maior em Santa Catarina e no Brasil.

3. A Migração das (os) Trabalhadoras (es) do Estado do Paraná

A cidade de Jaraguá do Sul tem crescido significativamente. Percebe-se que entre os censos de 1970 e 1980, a população cresceu 62%; entre 1980 e 1991, o crescimento foi de 59%. A cidade atingiu o índice de crescimento de 154%, entre 1970 e 1991. Atualmente (segundo o censo de 2010, realizado pelo IBGE), o município conta com uma população de 143.123 habitantes (92, 8 % de população urbana e 7,2 % rural).

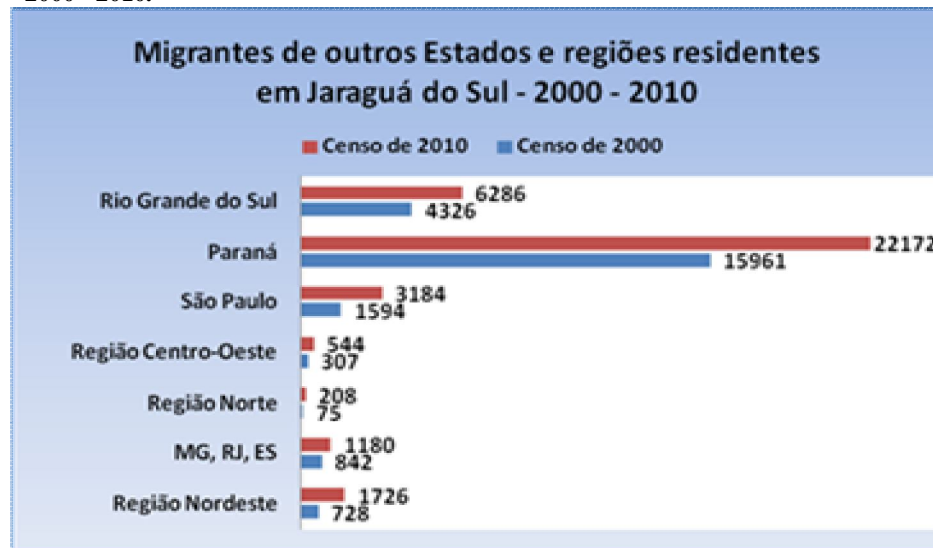
Gráfico 04 – Evolução Populacional de Jaraguá do Sul- SC: 1991 – 2010.



Fonte: IBGE. Elaborado pelas autoras.

Atraídos (as) pela industrialização, a cidade de Jaraguá do Sul e Região recebe um fluxo significativo de migrantes trabalhadoras (es) vindos de várias partes do Brasil, sendo que as principais regiões de procedência são: Paraná, que representa a parcela maior das trabalhadoras (es), Rio Grande do Sul e demais Estados das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil.

Gráfico 05 – Migrantes de outros Estados e Regiões residentes em Jaraguá do Sul - SC - 2000 - 2010.



Fonte: IBGE. Elaborado pelas autoras.

Em relação ao processo migratório de Jaraguá do Sul, Schörner (2002, p. 4-5) explica que no Paraná, assim como em outras regiões do Estado de Santa Catarina, a produção agrícola está diminuindo e as oportunidades de inserção laboral nas fábricas são quase inexistentes. Para Schörner, estas áreas são locais por excelência de “expulsão de mão de obra, a qualidade de vida é baixa e as oportunidades econômicas são irrisórias” (SCHÖRNER, 2002, p. 4-5).

No entanto, estes migrantes, ao chegarem a Jaraguá do Sul, se deparam com algumas dificuldades, como a falta de qualificação profissional (parte significativa do migrante provém do campo, em que o acesso à qualificação é mais restrito), a falta de experiência no trabalho fabril, a baixa escolaridade e a necessidade de concorrerem no mercado de trabalho com a população local, sofrendo discriminação e o preconceito (SCHÖRNER, 2002). Já nos anos 1970, período em que Jaraguá do Sul e o restante do Brasil passavam pelo crescimento econômico do chamado “milagre brasileiro”, propagandas encomendadas pelas próprias

empresas eram realizadas por meio das rádios e jornais para atrair trabalhadores e trabalhadoras do Estado do Paraná. Esses trabalhadores (as) foram chegando à cidade e ocupando os postos de trabalho. Conforme os depoimentos de duas trabalhadoras paranaenses, as mesmas relatam que tiveram muita dificuldade de relacionamento com as trabalhadoras da cidade.

Olha, quando eu entrei lá na Malwee, há dezessete anos, eu tive dificuldades, tinha bastante alemão, né? Eu tive uma certa dificuldade deles me aceitarem, principalmente as mais velhas... aquelas senhoras mais velhas... (Costureira da Malwee, paranaense).

O pessoal que é daqui tem diferenças, quando eu vim pra Jaraguá eu trabalhei na casa de um casal que eles eram contra esse pessoal que vinha de fora pra trabalhar aqui sabe... (Costureira da Marisol, paranaense).

Depois não, elas foram conhecendo a gente, a gente foi se enturmando, aí eu fui conhecendo elas melhor e vi que não precisava de discriminação da minha parte pra elas e elas pra mim; que a gente era ser humano mesmo e que trabalhava tanto quanto. A gente foi se enturmando e não teve mais problema, de lá pra cá, branco, preto, amarelo, azul, verde, qualquer um que entra lá, vai ser divertido... (risos) (Costureira da Malwee, paranaense).

Nas conversas formais e informais com moradores e trabalhadoras do setor têxtil, fica evidenciado que as trabalhadoras do Paraná sofreram inúmeras resistências e preconceitos quando chegaram à cidade e foram trabalhar nas indústrias. Mesmo assim, muitas destas trabalhadoras se adaptaram às normas, padrões e códigos sociais de conduta, estabelecidos pela sociedade jaraguaense.

Apesar do discurso que enaltece uma convivência pacífica entre as (os) “daqui” e as (os) “de fora”, por parte de algumas trabalhadoras paranaenses, verificamos que as (os) migrantes são ridicularizadas (os) ainda hoje. Muitas vezes, com ar de deboche, são chamados de “vip”, que quer dizer, “vindo do interior do Paraná”, além de serem desqualificados intelectualmente e acusados de terem trazido e espalhado a violência na cidade. Os migrantes acabaram tendo que lutar constantemente por seus lugares na sociedade Jaraguaense, resultando na formação de “territórios de conflito, reivindicação e uma reprodução da ideologia central da diferenciação” (GOMES 2010, p. 63). O que se evidencia é de fato a disputa pelo espaço, seja no âmbito dos locais de moradia, seja nos espaços de trabalho. Os “de fora” são concorrentes e para a desqualificação dos mesmos não raro se lança mão do discurso étnico.

4. Os Impactos da Reestruturação Produtiva no Polo Têxtil-Vestuarista de Jaraguá do Sul-SC

Uma das consequências do processo de reestruturação produtiva do setor têxtil-vestuarista foi o deslocamento das empresas das regiões Sul e Sudeste para o Nordeste brasileiro, região em que os custos com a mão de obra e produção tendem a ser menores. No Nordeste, destaca-se o Estado do Ceará, cujo processo de deslocamento regional das grandes empresas, motivadas por incentivos fiscais, obras de infraestrutura oferecidas pelo governo estadual e a presença de mão de obra de baixo custo, relacionada a baixos índices de sindicalização, têm acontecido de forma crescente. Todos estes fatores fizeram com que o Estado do Ceará (bem como, a região Nordeste do Brasil) aumentasse a sua participação produtiva no cenário nacional (COSTA; ROCHA 2009; COIMBRA, 2012; COIMBRA, 2012).

Com o processo de reestruturação industrial, impulsionado pelas medidas políticas e econômicas a partir dos anos de 1990 no Brasil, as médias e grandes empresas do segmento têxtil-vestuarista tomaram algumas medidas: fechamento de algumas plantas industriais e a desverticalização produtiva. Dessa forma, intensificou-se a abertura de empresas nos últimos dez anos, por conta do processo de desverticalização produtiva efetuada por médias e grandes empresas. Várias etapas do processo de fabricação dessas empresas passaram a ser realizadas por micro e pequenas empresas, a partir de serviços terceirizados e/ou subcontratos (CARVALHO; CÁRIO; SEABRA, 2007; LINS, 2000; 2008).

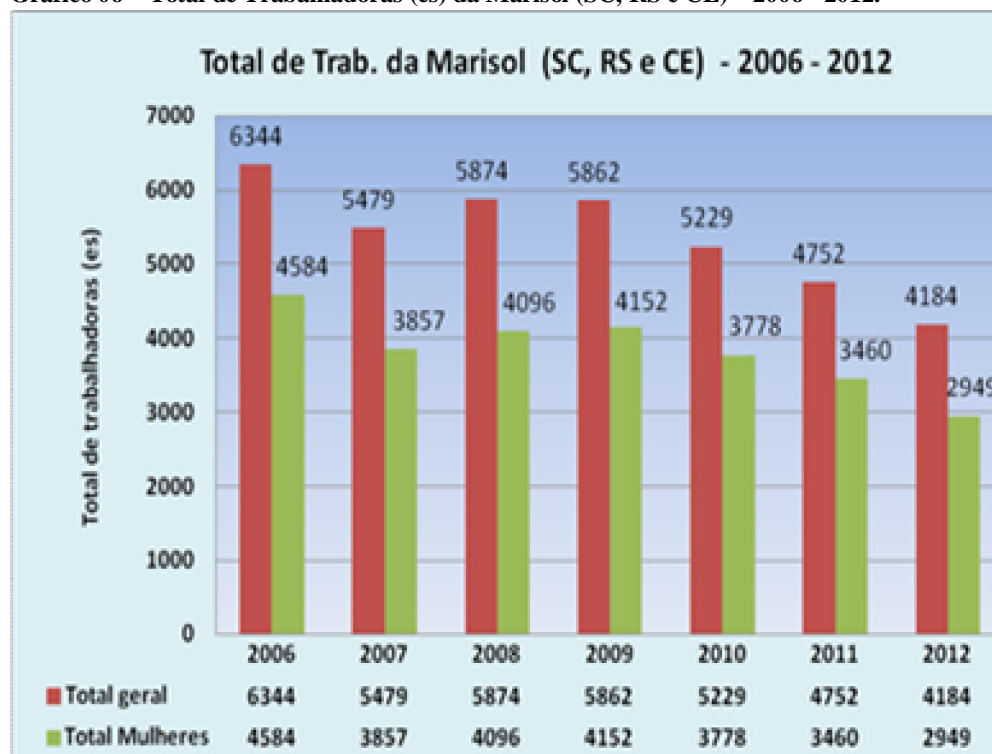
O processo de reestruturação produtiva e a abertura da economia brasileira ao mercado internacional afetou a indústria têxtil-vestuarista, incluindo as indústrias do Vale do Itajaí e do Norte catarinense. A entrada de mercadorias, em sua maioria vinda da China e da Coreia do Sul, abalou o seu faturamento. Desde então, as empresas da região tomaram várias medidas associadas ao processo de reestruturação produtiva: fechamento de plantas industriais, desverticalização produtiva, demissão de trabalhadores (as), assim como a redução dos cargos de chefia (CARVALHO; CÁRIO; SEABRA, 2007).

De acordo com os relatos das trabalhadoras entrevistadas, a crise da Marisol, em 1997, acarretou na demissão de centenas de trabalhadoras, que foram trabalhar nas facções da cidade, a maioria prestando serviço para as grandes indústrias têxteis-vestuaristas.

Eu entrei na Marisol em 89, aí em 97, quando deu aquela crise muito grande, a gente ficava parada lá dentro. Na época, eu tava estudando, fazendo a 8ª série, eu fazia todos os deveres lá dentro. Não tinha o que fazer, eles não vendiam e a gente não tinha o que produzir. Tinha gente que jogava baralho lá dentro, lendo revista, foi aí que eles decidiram mandar as costureiras que mais ganhavam embora, e eu me encaixei nessa. (...) Eles falaram pra nós que o salário tava muito alto, que a empresa tava em crise, né? Até quando a minha encarregada me demitiu. Eles pediram pra mandar as mais novas embora e negociasse o nosso salário e eles não aceitaram, daí, decidiram mandar todas as costureiras [costureiras número três] embora. Aquele dia, acho que foi mais de 150 pessoas embora, foi tudo num dia só. (...) Eu não esperava, meu... [ser despedida] só que assim, aí veio o dinheirinho que ajudou né, só que depois que terminou o seguro desemprego aí tinha que correr atrás, né? Daí só o marido trabalhando com três filhos pequenos não dava. Eu comecei a trabalhar em facção. Só que eu não consegui trabalhar em facção, é tudo diferente, é tudo menor, sei lá, daí o transporte eu tinha que andar um pedaço a pé sabe. Na facção eu não tinha carteira assinada, eu fiquei um ano e quatro meses sem contribuir. O salário era por mês e eu ganhava por peça. Eu trabalhava 8 horas por dia. (Costureira aposentada da Marisol S.A)

Quando eu trabalhava na Marisol (de 1984 até 1988, depois eu saí, e voltei em 1991 e trabalhei até 2001). Então eu lembro, acho que era em 1997, por ali (não sei bem se era nesse ano, mas acredito que sim). Ela adotou a política de que... vamos dizer assim: era até o salário x, quem ganhava mais do que isso, chegava novembro, dezembro, eles demitiam. Depois eles repõe [as trabalhadoras] de novo... e o pessoal entra com um valor bem menor, entendeu... então, pra eles [a empresa] isso era lucro. Pra nós, eu era encarregada, era ruim. Porque quem sabia tudo, que eram as [costureiras] mais experientes, era mandada embora e você tinha que começar tudo de novo, era um desafio (Empresária de facção, Ex- funcionária da Marisol).

Gráfico 06 – Total de Trabalhadoras (es) da Marisol (SC, RS e CE) – 2006 - 2012.

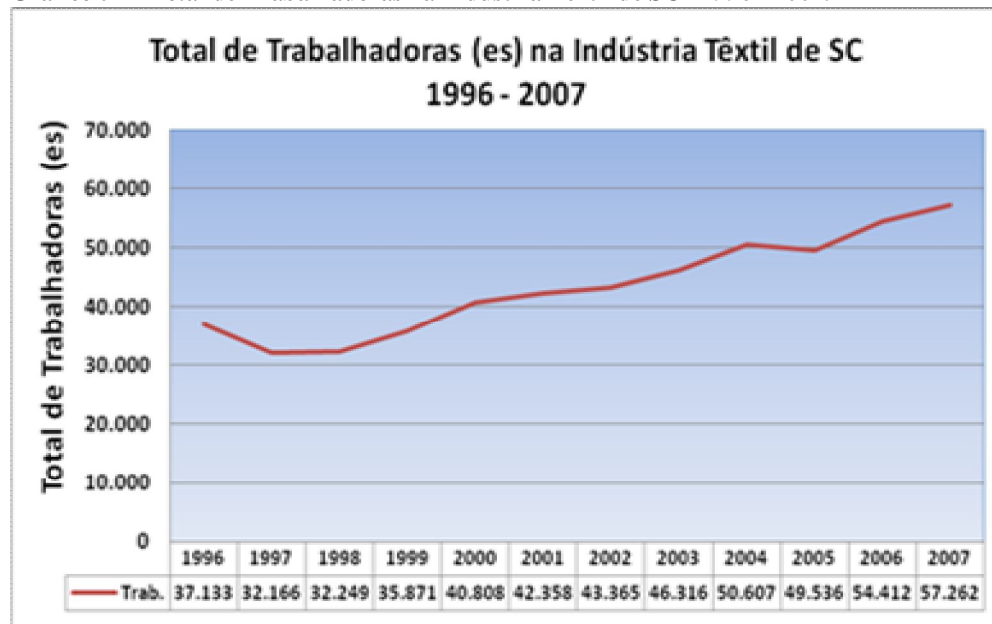


Fonte: Relatório Anual da Marisol. Elaborado pelas autoras.

Segundo o Relatório Anual da Marisol (gráfico 06) houve uma redução de quase mil trabalhadoras (es) entre 2006 e 2007, o que explica o alto índice de demissões praticado pela empresa. Já entre 2009 e 2012 houve uma redução de quase duas mil trabalhadoras (es). Entre 2006 e 2012 (em apenas seis anos) o número de trabalhadoras (es) da Marisol reduziu em quase um terço.

Conforme Lins (2000), uma das grandes dimensões que marcaram o processo de reestruturação industrial foi o aumento das demissões e a precarização das relações de trabalho em suas inúmeras atividades. Com o processo de abertura da economia brasileira, diminuíram as exportações catarinenses, acarretando em queda de produção e um consequente aumento de desemprego no setor (ZANELA, BORTOLUZZI; ORLOWSKI; 2010). As indústrias têxteis-vestuaristas catarinenses que sobreviveram à crise foram as de maior capital econômico.

Gráfico 07 – Total de Trabalhadoras na Indústria Têxtil de SC - 1996 - 2007.



Fonte: IBGE. Elaborado pelas autoras.

Verifica-se com base nos dados do gráfico acima, que o ano de 1997 representou o auge das demissões das (os) trabalhadoras (es) do setor têxtil em Santa Catarina. Segundo Jinkings e Amorim (2006) o processo de reestruturação produtiva acarretou na introdução de

novas tecnologias (aquisição de maquinário importado, devido a facilidade de importação nos anos de 1990), novas formas de organização da produção, terceirização da força de trabalho, a fim de reduzir custos, resultando em desemprego e subemprego no setor têxtil-vestuarista na região Norte do Estado catarinense. O processo de desverticalização produtiva, levado a cabo, expandiu o processo de terceirização produtiva, formando várias redes de pequenas empresas subcontratadas por empresas maiores na fabricação de partes ou de todo o produto. Por sua vez, as médias e grandes empresas passaram a se preocupar com outras fases do processo produtivo, principalmente com o design, marketing e distribuição... (CARVALHO; CARIO; SEABRA, 2007, p. 170).

Como observam os autores, o processo de terceirização da produção constitui-se uma realidade das médias e grandes indústrias de Jaraguá do Sul. Conforme as informações do STIV - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário, Fiação, Tecelagem e Artefatos de Couro de Jaraguá do Sul e Região, todas as grandes indústrias na região terceirizam parte do seu processo de produção, sendo que um dos setores mais terceirizados é o da costura. A terceirização deste setor representa uma política de redução de custos das indústrias, que, na atualidade, está voltado para os grandes investimentos em moda e tendências internacionais. Conforme estudo realizado, a “crescente desverticalização das empresas [encontra-se] associada aos esforços de investimentos em ativos imateriais, tais como desenvolvimento de produto, marcas e design, marketing, comercialização e distribuição de produtos”⁵. Fernandes e Cario (s.d, p.7) explicam as consequências da desverticalização produtiva no processo de reestruturação industrial nos anos de 1990 no Estado de Santa Catarina. Segundo os autores, este processo levou a fechamento de diversas empresas e a abertura de outras em função da desverticalização.

Particularmente no setor têxtil catarinense, este processo representou um intenso processo de desverticalização das empresas, repercutindo por um lado no fechamento de diversas empresas que não foram capazes de se adequar ao novo padrão produtivo estabelecido na década de 1990. Por outro, no surgimento de um grande número de novas empresas em função da estratégia de desverticalização engendrada pelas grandes empresas do setor no Estado (FERNANDES; CARIO. [s.d], p. 7).

Os estudos macroeconômicos concluem que na década de 1990, as médias e grandes indústrias têxteis-vestuaristas catarinenses estavam paramentadas de grande modernização de maquinários adquiridos no exterior (LINS, 2000, 2008). Todo esse processo alterou as bases

⁵ CEFET – SC. Cenário Brasileiro da Cadeia Têxtil. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, [s.d], p. 15. Disponível em <http://www.ifsc.edu.br/>. Acesso em 2/11/2013.

produtivas e organizacionais, resultando no enxugamento de gastos, principalmente por meio da redução do contingente de trabalhadores (as), desencadeando no que os autores chamam de “terceirização produtiva” (LINS, 2008, p. 340). Conforme o depoimento da dirigente sindical.

Na verdade o que teve de 1990 pra cá, que foi um fato marcante é questão da ascensão da terceirização, houve demissões sim...mas houve e aconteceram muitas demissões com essa história da terceirização. [A indústria demite a trabalhadora] ah.. tu abre uma empresa e vem trabalhar pra mim, só que isso vai demandar num salário menor, né? Ou [há] os trabalhadores que são terceirizados e que não têm os mesmos direitos que os outros trabalhadores. Então, assim, isso foi um ponto forte de 1990 pra cá, que intensificou muito, a questão da terceirização (Vice-presidente do STIV).

Gráfico 08 – Setores da Indústria Têxtil que mais demitiram: 2012 -2013.



Fonte: RAIS – MTE. Elaborado pelas autoras.

Constatamos que o processo de demissões, em consequência do contexto macroeconômico da reestruturação produtiva, continua acontecendo. Nota-se (gráfico 08) que o setor mais afetado pelas demissões, entre 2012 e 2013, foi o da costura. As trabalhadoras (es) legalizadas (os) deste setor têm sido afetadas (os) pela política de contratação de facções e terceirização dos serviços, adotada pelas grandes indústrias têxteis de Jaraguá do Sul.

Os arranjos têm desencadeado outros modelos de trabalho, como o trabalho a domicílio (realizado por mulheres e crianças) e as cooperativas de produção, que também caracterizam contextos históricos anteriores à industrialização. Esta realidade se faz presente,

de modo significativo, no arranjo industrial têxtil-vestuarista em Jaraguá do Sul. O relato da vice-presidente do Sindicato confirma a realidade das terceirizações na região.

A nossa grande luta, a nossa grande briga com as facções, onde as mulheres são costureiras nas fábricas, elas saem de lá, muitas vezes, quando a empresa diz, ó: vamos te demitir com todos os direitos, a gente te dá uma máquina, ou te vende uma máquina e tu começa a trabalhar em casa pra gente. E aí o que acontece, a máquina fica velha, aí a própria mulher tem que arrumar alguém pra fazer a manutenção, daqui a pouco o marido dela já não trabalha, mas também... porque dá uma mãozinha em casa e aí é aquilo que eu te falei, a casa se transforma num espaço de trabalho. A parte ergonômica já não existe mais, porque se dentro das empresas existe uma preocupação com a ergonomia, com o tipo de cadeira, com altura das mesas, das máquinas e tudo mais, dentro de casa isso não tem. A gente tem casos de facções aqui nas cidades vizinhas, que são mais de agricultura, Massaranduba, Schroeder, que tem faccionistas que tem as mulheres sentadas naquelas cadeiras de palha e assim, os ranchos, por ali assim, está à estrebaria com os animais é porque elas estão trabalhando, com a mínima condição de trabalho. E assim tem vários e vários locais. O sindicato tem, na medida do possível, através de denúncias das pessoas procurado levar ao Ministério do Trabalho nesses lugares, procurado a gente interferir nisso, mas nem sempre é muito fácil. Muitas vezes, as próprias trabalhadoras que estão nas facções, elas acham que se ganham um centavo a mais no seu valor hora, que isso já é motivo pra trabalhar numa facção. Elas esquecem que elas não têm o registro em carteira, não tem fundo de garantia, não tem amparo do INSS, se sofrerem um acidente de trabalho elas não tem o mínimo de respaldo, esse tempo de serviço vai fazer falta na questão da aposentadoria. Então, tem uma série de coisas nisso. O sindicato, nós representamos essas trabalhadoras, quando elas vêm nos procurar. E a gente oferece todo o tipo de informação, oferecemos assistência jurídica gratuita para esse pessoal, mas assim normalmente eles vêm nos procurar. Quando daí foram mandados embora desses lugares e não foram pagos, aí eles vêm nos procurar (Vice-presidente do STIV).

Conforme os relatos, as trabalhadoras que costuram em suas próprias residências trabalham em média 10 a 12 horas por dia.

Ah é bem complicado... mas eu faço assim ó: eu levanto de manhã, faço o meu café, daí já dou uma ajeitada na casa, né, daí, 07:30 da manhã, eu já venho costurar, quando é 11:30 eu dou mais uma paradinha. Dou mais uma ajeitada nas coisas...tem que fazer tudo... tem que fazer almoço, tudo... organizar o menino pro colégio e às 13:00, mais ou menos, volto de novo pro trabalho. Eu saio daqui umas seis horas da tarde e vou descansar, eu tenho uma menina que vai pro colégio de noite, aí eu fico esperando ela chegar até às 23:30 da noite. Eu procuro me organizar, porque também não dá pra trabalhar mais que dez horas porque é exagero, né? Tem que coincidir todas as coisas junto (Costureira, 38).

Eu levanto 06:00 horas sempre, eu não sou assim de tá 05:00 hs [direto] na costura, porque eu não sei ...eu não tenho mais aquela saúde... parece que eu não me animo mais pra levantar cedo. A gente já pegou aquela doença de diabetes... daí já muda a pessoa né? Não sei se é por isso ou me acostumei. Daí, às 6hs horas eu levanto, faço café pro meu marido pra ele trabalhar, aí eu venho pra costura, quando é 11h 30, por aí, eu saio, faço almocinho pro piá que ele tem aula, né? O meu marido trabalha como pedreiro lá pra outras bandas da cidade... fácil não é, mas precisa trabalhar, né? Daí quando é umas 21:00 horas eu paro tudo... (Costureira, 48)

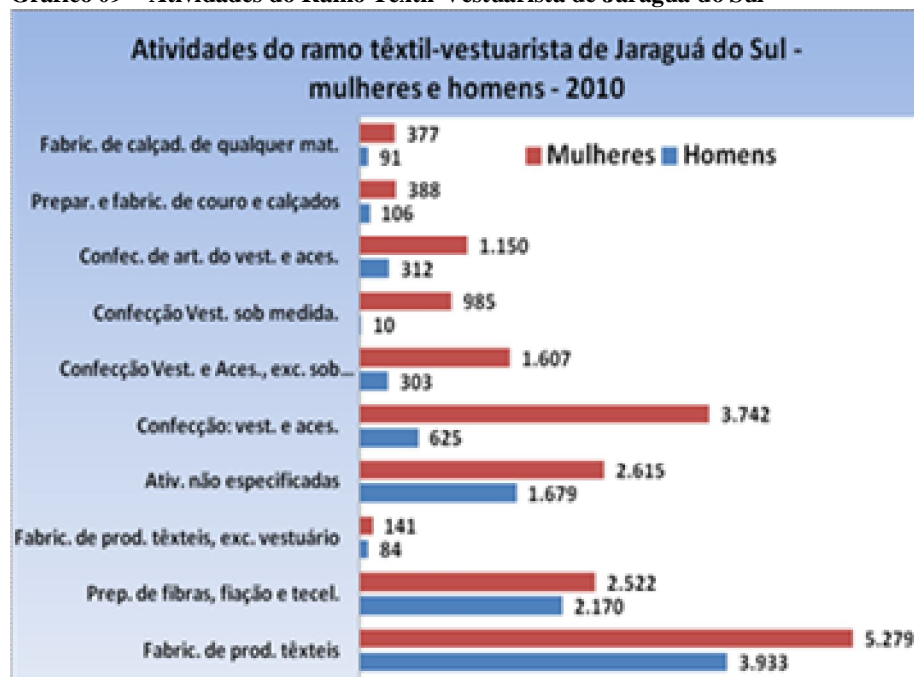
Essas trabalhadoras conciliam o trabalho doméstico com o trabalho da produção da costura em uma jornada superior ao das trabalhadoras da indústria, que têm direito a uma

pausa para as refeições e a ginástica laboral, que algumas empresas oferecem. As costureiras que atuam a domicílio argumentam que há uma grande vantagem em trabalhar em casa, pois não teriam pessoas supervisionando, como acontece nas indústrias, além de ganharem mais costurando em casa do que recebendo o salário da fábrica. No entanto, algumas lamentam pelo fato de não serem registradas em carteira, não terem direito a férias remuneradas e nem ao décimo terceiro salário.

De acordo com Carvalho, Cario e Seabra (2007, p.184), a subcontratação encontra-se em empresas de diferentes portes, os autores realizaram uma pesquisa sobre a prática da terceirização e subcontratação nos municípios Jaraguá do Sul, Brusque e Blumenau. Os autores citados anteriormente constataram a presença de “empresas com especialização produtiva operando como subcontratadas e empresas organizadas sob a forma de cooperativa de trabalho executando tarefas mais simples”. Conforme os autores:

A prática da subcontratação acontece em todos os portes empresariais. Resultado de pesquisa feita nos municípios de Blumenau, Brusque e Jaraguá do Sul que apontou cerca de 64% das pequenas e médias empresas realizam algum tipo de subcontratação. Enquanto a totalidade das grandes empresas como a Hering, Marisol, Artex-Coteminas, Karsten, Cremer, entre outras, faz da subcontratação procedimento produtivo rotineiro, distribuindo a produção para empresas facionistas executarem operações segundo o padrão de qualidade exigido. (CARVALHO; CARIO; SEABRA, 2007, p. 184).

Gráfico 09 – Atividades do Ramo Têxtil-Vestuarista de Jaraguá do Sul



Fonte: RAIS – MTE. Elaborado pelas autoras.

O gráfico acima apresenta o número de trabalhadoras (es) por setor na indústria têxtil-vestuarista de Jaraguá do Sul. Nota-se que as mulheres representam o maior contingente em todos os setores, com maior destaque para a confecção (costura). Cabe observar que a costura é uma das principais etapas do processo de produção e o baixo custo desta mão de obra é um dos fatores de maior importância estratégica das empresas, pois permite situar a sua localização industrial, assim como a subcontratação e a terceirização de pessoal. Conforme Neves e Pedrosa (2007, p.22-23) “as etapas da produção que estão sendo terceirizadas referem-se à estamparia, acabamento e costura, sendo caracterizadas como repetitivas”. As autoras explicam que as características do modelo fordista de produção ainda são mantidas “ao longo da cadeia produtiva”.

5. Considerações Finais

Verificamos que com a reestruturação produtiva se processou uma significativa transformação das condições de trabalho no setor têxtil-vestuarista, que é predominantemente feminino. Apesar de impactos adversos nas condições e relações de trabalho, muitos depoimentos acusaram certa ambigüidade em relação à avaliação que fazem das empresas e em relação às expectativas de futuro. A precarização das condições de trabalho afetou (e continua a afetar) a vida destas trabalhadoras e, entre elas, sobretudo as mais velhas, reconhecem que as condições de trabalho e de remuneração anteriores (antes da crise de 1990) eram mais satisfatórias, e ainda assim, fazem menções positivas em relação às empresas, tidas como de grande valor simbólico e material. Analisamos também, que este processo de reestruturação produtiva nas indústrias têxteis e do vestuário, precarizou, por meio das demissões e terceirizações, as relações de trabalho, tanto das trabalhadoras de Jaraguá do Sul e região, quanto às das trabalhadoras migrantes, sobretudo as paranaenses. O impacto da reestruturação produtiva afeta a todas, deixando exposto que os discursos étnicos podem eventualmente ser usados como recursos ideológicos para atribuir maior poder de disputa pelo acesso aos postos de trabalho.

Ironicamente, várias destas trabalhadoras também qualificam positivamente as condições atuais de trabalho. Por mais precarizadas que sejam estas relações, bem como a restrição de direitos trabalhistas, verificamos nas falas de muitas das trabalhadoras, sentimentos de gratidão pela empresa, e nas suas expectativas de futuro, manifestam a intenção de continuar no mesmo trabalho. Tal sentimento revela uma visão acrítica do

processo de exploração que envolve as relações de trabalho e de produção. Já as trabalhadoras a domicílio revelam o entendimento pragmático de que o trabalho na residência, mesmo que precário e na informalidade, lhes permite certa liberdade para dar cobertura às suas obrigações domésticas e à necessidade de obter uma remuneração. Provavelmente, se as (os) trabalhadoras (es) fossem na maioria homens, esta avaliação do arranjo doméstico-produtivo “satisfatório” não seria o tom, onde a instabilidade do vínculo do emprego e o excesso de tempo de trabalho cotidiano, se tornariam talvez mais visíveis. Se por um lado, ser mulher parece ampliar os laços de submissão no trabalho e na esfera familiar, por outro lado, parece conceder-lhe mais flexibilidade para administrar as estratégias de sobrevivência no ambiente dos novos arranjos produtivos da reestruturação produtiva.

Nesse sentido, há ainda um espaço importante a ser coberto pela intervenção sindical, o espaço desses novos arranjos produtivos e das formas atípicas de trabalho, sobretudo quando estas dizem respeito ao arranjo doméstico-produtivo realizado pelas mulheres.

Por fim, consideramos que as interseções do gênero, trabalho e também da etnia foram fundamentais para a compreensão do contexto sociocultural e econômico-político do arranjo têxtil-vestuarista localizado no norte do Estado de Santa Catarina. A análise de gênero e trabalho nos possibilitou compreender as condições de trabalho e emprego das mulheres do setor têxtil-vestuarista. Segundo Hirata (1998, p.7) “as situações de trabalho, as formas de inserção na atividade de mulheres e de homens variam consideravelmente segundo o sexo da mão de obra”. E ainda, segundo a autora, “as relações de gênero e a divisão entre os sexos atravessa a sociedade e não apenas o espaço da empresa”. Não podíamos, no entanto, deixar de fora também uma reflexão sobre a dimensão étnica como recurso para compreender as relações de trabalho, haja vista os destacados discursos locais que naturalizam uma identidade étnica em nome das origens europeias, sobretudo em torno dos atributos de um trabalhador ou trabalhadora idealizada. Vimos que isso se constitui num recurso ideológico a ser mobilizado, seja para incluir os “de dentro” ou para excluir os “de fora”. A reestruturação produtiva com seus novos modelos de gestão e organização se mostrou implacável, desverticalizando, flexibilizando e precarizando.

6. Referências

- ABREU, Alice Rangel de Paiva. **Trabalho e Qualificação na Indústria de Confeção. Estudos Feministas**. N. 2/93, 1993. p. 293- 305.
- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. **Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas**. Cad. Pagu [online]. 2001, n.17-18, p.
- AMORIM, Elaine Regina Aguiar. **No Limite da Precarização? Terceirização e Trabalho Feminino na Indústria de Confeção**. 2003. 222 f. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Sociologia) UNICAMP, 2003.
- CALEFFI, Marta Vilma. **Reestruturação na Indústria do Vestuário e as implicações para a qualificação dos trabalhadores**. 2008. 149 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – UFSC, 2008.
- CARVALHO, Júnior Luis Carlos. CARIO, Silvio A. e SEABRA, Fernando. **Polos Industriais do Sul do Brasil: experiências de competitividade e empreendedorismo**. JÚNIOR, Luiz Carvalho (org.). Centro Socioeconômico – CSE. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária FAPEU. Florianópolis: [s.n], 2007.
- COIMBRA, Eric Araujo Dias. **O Pensamento Rangeliano e a Economia Brasileira: uma Análise Crítica**. Artigo apresentado no VI Simpósio de Geografia - UDESC: Perspectivas da Geografia no Mundo Contemporâneo - Florianópolis - SC, 2006.
- COIMBRA, Melissa Gabriela e COIMBRA, Eric Araújo Dias. **Análise de gênero e precarização do trabalho nas indústrias têxteis e de confecção: um estado da arte (1990 - 2011)**. IV Seminário de Trabalho e Gênero, Protagonismo, Ativismo e questões de gênero revisitadas ST7, Goiás, Setembro de 2012
- COSTA, Ana Cristina Rodrigues e ROCHA, Érico Rial Pinto. **Panorama da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confeções e a questão da Inovação**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar. 2009.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes Ltda., 2000, p. 41.
- FERNANDES, Ricardo Lopes e CARIO, Silvio Antonio Ferraz. **Características do processo inovativo da indústria têxtil confecções de Santa Catarina: uma avaliação de 2000 a 2005**. [s.d].
- GOMES, Maria Soledad Etcheverry. **Empregabilidade nos tempos de reestruturação e flexibilização: trajetórias de trabalho e narrativas de ex-empregados do setor elétrico brasileiro**. 2002. Tese. UFRJ, Rio de Janeiro. 2002
- GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

GUZMAN, Virginia, MAURO, Amalia, ARAUJO, Kathya. **Trayectorias Laborales de Mujeres: Cambios Generacionales em el Mercado de Trabajo**. Ediciones Centro de Estudios de la Mujer, CEM, 2000.

HIRATA, Helena. **Reestruturação Produtiva, trabalho e relações de gênero**. Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho, ano 4, nº 7, São Paulo, Alast, 1998.

JINKINGS, Isabella. **Reestruturação Produtiva e Emprego na Indústria Têxtil Catarinense. 2002**. 112f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia Política) – UFSC, 2002.

JINKINGS, Isabella & AMORIM, Elaine Regina Aguiar. **Produção e Desregulamentação na Indústria Têxtil e de Confecção**. In ANTUNES, Ricardo (Org). Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.

KERGOAT, Danièle. **Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho**. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D.E.; WALDOW, V.R. (Orgs.) Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LEITE, Márcia de Paula. **Tecendo a precarização: gênero, trabalho e emprego na indústria de confecções de São Paulo**. Rev. Trabalho, Educação e Saúde, 2(1): 239-265, 2004.

_____, Marcia de Paula. **As bordadeiras de Ibitinga: trabalho a domicílio e prática sindical**. Cad. Pagu, Campinas, n. 32, jun. 2009.

LIMA, Ângela Maria de Sousa. **As faces da subcontratação do trabalho: um estudo com trabalhadoras e trabalhadores da confecção de roupas de Cianorte e região**. 2009. 357f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UNICAMP, 2009.

LINS, Hoyêdo Nunes. **Têxteis Catarinenses anos 90**. Atualidade Econômica. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Socioeconômico – Departamento de Ciências Econômicas Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

_____, Hoyêdo Nunes. **Arranjo Produtivo têxtil-vestuarista da Região do Vale do Itajaí**. In. Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva. In. CARIO, Silvio. (org) Et. al, Florianópolis, 2008.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo Edições Loyola. Brasil, 1996.

MILLS, Wright. A Promessa. In. **A imaginação Sociológica**. 6ª Ed. RJ: Zahar, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Segunda Edição. Hucitec-Abrasco. São Paulo- Rio de Janeiro, 1993.

NEVES, Magda de Almeida. **Reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero**. In Rocha, Maria Isabel Baltar (org.). Trabalho e Gênero: Mudanças, Permanências e Desafios. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/São Paulo: Ed. 34, 2000. 384 p.

_____, Magda de Almeida e PEDROSA, Célia Maria. **Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções.** Soc. Estado. [online]. 2007.

PEDROSA, Célia Maria. **Limites e potencialidades do desenvolvimento local: a indústria da confecção de Divinópolis.** 2005. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2005.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil.** Brasília, Editora da UNB, 1990.

SCHÖRNER, Ancelmo. **Jaraguá do Sul: imagens criadas e realidades vividas ou a frieza das estatísticas versus as cores da realidade.** Artigo. Programa de Pós-graduação em História da UFSC, 2002.

ZANELA, BORTOLUZZI e ORLOWSKI. **O Comportamento da Indústria Catarinense entre 2000 e 2008. Monografia de Conclusão do Curso em Ciências Econômicas. O Comportamento da Indústria Catarinense a partir dos resultados da Balança Comercial entre 2000-2008.** Colocação no XV Prêmio Catarinense de Economia 2010. Curso de Ciência Econômicas/Unochapecó.

Bibliografia on-line:

Censo Demográfico de 2010 IBGE. In: Prefeitura de Jaraguá do Sul, Jaraguá em Dados 2012. 2.2. A Estimativa populacional do IBGE para 2012 é de 148.353 habitantes.

CEFET – SC. Cenário Brasileiro da Cadeia Têxtil. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, [s.d], p. 15. Disponível em <http://www.ifsc.edu.br/>. Acesso em 2/11/2013.

Empregos formais em Jaraguá do Sul. Fonte: RAIS – MTE. Disponível em http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php, acesso em 06 de novembro de 2013.

Santa Catarina em Números: Têxtil e Confecção. Disponível em: http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/site_topo/pei/info/textil-e-vestuario. Acesso em 04 de abril de 2012.

Relacionamento: balanço social. Disponível em: <http://www.marisolsa.com.br/relacao-com-investidores/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2012.